

SAISON TEMPORADA
FRANCE PORTUGAL
PORTUGAL FRANÇA
2022

TEATRO
NACIONAL
S. JOÃO

ASSISTÊNCIA DE COREOGRAFIA
MAGALI CAILLET GAJAN

DESENHO DE LUZ
YVES GODIN

FIGURINOS (COLABORAÇÃO)
MARION REGNIER

TRABALHO VOCAL
DALILA KHATIR COM A
COLABORAÇÃO DE
BERTRAND CAUSSE
MÉDÉRIC COLLIGNON

MATERIAL SONORO INSPIRADO EM
J.S. BACH, A. VIVALDI, B. EILISH,
THE PINK PANTHER, J. KOSMA,
E. MORRICONE, BIRDSONGS,
G.F. HÄNDEL, STORMY WEATHER

DIREÇÃO DE CENA
FABRICE LE FUR, MAX POTRIN

VICE-DIREÇÃO [TERRAIN]
HÉLÈNE JOLY

TEATRO CARLOS ALBERTO
26+27 ABRIL 2022
TER+QUA 19:00

DDD – FESTIVAL DIAS DA DANÇA

SOMNOLE

COREOGRAFIA E INTERPRETAÇÃO BORIS CHARMATZ [TERRAIN]

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO
LUCAS CHARDON, MARTINA HOCHMUTH

GESTORES DE PRODUÇÃO
JESSICA CRASNIER
BRIAC GEFFRAULT

PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
[TERRAIN]

APOIO
DANCE REFLECTIONS
BY VAN CLEEF & ARPELS

COPRODUÇÃO
TEATRO MUNICIPAL DO PORTO
– DDD/FESTIVAL DIAS DA DANÇA,
OPÉRA DE LILLE, LE PHÉNIX – SCÈNE
NATIONALE DE VALENCIENNES – PÔLE
EUROPÉEN DE CRÉATION, BONLIEU
– SCÈNE NATIONALE D'ANNECY,
CHARLEROI DANSE – CENTRE
CHORÉGRAPHIQUE DE WALLONIE-
BRUXELLES, FESTIVAL D'AUTOMNE
À PARIS, FESTIVAL DE MARSEILLE,
HELSINKI FESTIVAL, SCÈNE NATIONALE
D'ORLÉANS, MC93 – MAISON DE
LA CULTURE DE SEINE-SAINT-DENIS,
PAVILLON ADC

COM O APOIO DE
LAFAYETTE ANTICIPATIONS
– FONDATION D'ENTREPRISE
GALERIES LAFAYETTE
NO ÂMBITO DO PROGRAMA
ATELIER EN RÉSIDENCE

COM A PARTICIPAÇÃO DE
JEUNE THÉÂTRE NATIONAL

AGRADECIMENTOS
ALBAN MORAUD, METTE
INGVARTSEN, IRIS INGVARTSEN
CHARMATZ, XENIA INGVARTSEN
CHARMATZ, FLORENTINE
BUSSON, GERMAIN FOURVEL

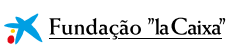
ESTREIA
9 NOV 2021
OPÉRA DE LILLE (FRANÇA)

DURAÇÃO
1:00
M/12 ANOS



ONSJ É MEMBRO

MEZENAS



EVENTO ORGANIZADO NO ÂMBITO DA TEMPORADA PORTUGAL-FRANÇA 2022



Nos meus lábios



Excertos de uma entrevista concedida por **BORIS CHARMATZ** a **GILLES AMALVI**.*

As ideias para as minhas performances surgem-me frequentemente quando estou entre a vigília e o sono. Gosto dos movimentos, na maioria involuntários, que fazemos quando estamos a adormecer: é como uma dança lânguida, abalada por movimentos bruscos. Para mim, a criação – e a criação coreográfica em particular – tem que ver com uma forma não-voluntária que se alimenta do inconsciente. Não me predisponho a criar com uma ideia clara do que quero fazer; deixo-me guiar por impulsos, tropismos, estados mentais ziguezagueantes...

A dinâmica desta peça tende para uma unidade, um movimento coreográfico sibilado que se transforma e evolui, mais do que constituir-se de várias partes distintas. Já fiz algumas peças com bastantes partes faladas. O assobio corresponde a um desejo de espantar o sentido. A relação entre assobiar e dançar cria um equilíbrio coreográfico que equivale à energia que me move hoje em dia.

Porquê um solo agora? Poder-se-ia dizer que, com o confinamento, haveria um conjunto particular de condições para a prática da dança. É verdade, mas eu queria fazer este solo ainda antes da pandemia. O que me atrai neste formato é que não necessita de tradução. A conexão com o que se sonha – a fantástica e intuitiva dimensão do trabalho criativo, quer o anotemos num caderno, o guardemos na cabeça, ou o exteriorizemos através do corpo – é muito mais direta.

Os estados hipnagógicos e de repouso interessam-me porque marcam um ponto intermédio entre o não-movimento e o movimento: a noção de nos movermos pouco, mesmo quando na nossa cabeça nos movemos como loucos. Esses estados são uma ponte entre o mundo mental e o físico. Com esta peça, quis invocar os gestos dos que dormem mal, dos que sofrem de insónias, dos sonâmbulos...

No início, comecei a assobiar no estúdio, porque o faço o tempo todo... No fundo, é uma forma indireta de reavivar a ligação bastante tradicional entre dança e música. Pensei que a peça pudesse apenas chamar-se Música. Ou França Música. Ou Clássica. Por um lado, porque o formato-solo é muito clássico; por outro, porque a relação entre dança e música pertence à forma clássica. O que me vem à cabeça quando assobio é sobretudo música clássica. É quase contra a minha vontade. Adoraria assobiar Xenákis, Miles Davis...

Assobiar é uma ação musical muito simples e frágil. São só precisos lábios secos para a parar. Se estivermos sem fôlego, ela não é possível – daí a necessidade de criar uma dança lânguida e escassa de movimentos. Se nos movemos demasiado rápido, o assobio depressa soa a falso ou torna-se inaudível. É uma dança de funâmbulo, em que o movimento do corpo afeta o instrumento. Esta performance dança-se literalmente nos meus lábios.

Tornar este frágil e quase inaudível fio melódico audível num palco tão imponente é arriscado e ao mesmo tempo potencialmente poderoso. Assobiar é como uma operação de conversão: converte o grande no insubstancial. Uma ária de Händel fica reduzida a quase nada: um esboço, uma melodia. É como acender um fósforo: faz-se lume, mas é de vida curta, apaga-se num instante com um simples sopro.

O que assobio são na verdade ritornelos, pedaços de melodias que correm na minha cabeça. São um mundo em si, que se individualiza sem se fechar, criando uma espécie de abrigo, um ambiente familiar. É uma forma de forjar um espaço absolutamente pessoal, mas que posso partilhar. Quando assobio, sinto-me em casa. Torno-me no Boris que assobia desde os 6 ou 7 anos.

Em criança, tinha o sonho de compor uma peça para uma orquestra de assobios. Nunca aconteceu! Para explicar por que me interesse pela fragilidade do assobio, deixo esta comparação: enquanto *performer*, participei em *Underwear*, de Fanny de Chaillé, e dancei ao som de “Where Is My Mind?”, dos Pixies, com uma bola de saliva entre os lábios. Gostei muito dessa ideia de um movimento minúsculo, sustido nos meus lábios por um fio coreográfico. Se respirasse com mais força, a bola rebentava. Se me movesse mais depressa, ela desfazia-se. E se não houvesse bola, não havia mais nada. Com o assobio, foi como se tivesse pegado de novo nesse elemento da bola de saliva e o tornasse audível.

* Entrevista realizada em dezembro de 2020.

Edição e tradução **Fátima Castro Silva**.

FICHA TÉCNICA TNSJ

PRODUÇÃO EXECUTIVA EUNICE BASTO | DIREÇÃO DE PALCO EMANUEL PINA | ADJUNTO DO DIRETOR DE PALCO FILIPE SILVA | DIREÇÃO DE CENA CÁTIA ESTEVES | LUZ FILIPE PINHEIRO (COORDENAÇÃO), ADÃO GONÇALVES, ALEXANDRE VIEIRA, JOSÉ RODRIGUES, MARCELO RIBEIRO, NUNO GONÇALVES | MAQUINARIA FILIPE SILVA (COORDENAÇÃO), ANTÓNIO QUARESMA, CARLOS BARBOSA, JOEL SANTOS, JORGE SILVA, LÍDIO PONTES, NUNO GUEDES, PAULO FERREIRA

APOIOS TNSJ

Castanheira

pedras&pêssegos

APOIOS À DIVULGAÇÃO

COMISSÃO DE PORTUGAL



AGRADECIMENTOS TNSJ

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO
POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA
MR. PIANO/PIANOS RUI MACEDO

EDIÇÃO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

FOTOGRAFIA MARC DOMAGE
DESIGN GRÁFICO SAL STUDIO
IMPRESSÃO GRECA ARTES GRÁFICAS, LDA.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para o intérprete como para os espectadores.